

**SECONDINO TRANQUILLI OU IGNAZIO SILONE: DA MILITÂNCIA POLÍTICA
À ATIVIDADE LITERÁRIA¹**
*SECONDINO TRANQUILLI OR IGNAZIO SILONE: FROM POLITICAL MILITANCE TO LITERARY
ACTIVITY*

Patricia Peterle²

RESUMO: A trajetória de vida de Secondino Tranquillo ou Ignazio Silone, como o próprio autor preferia ser chamado, foi marcada por inúmeros episódios trágicos: perda da família, exílio, cárcere. Desde cedo, participou de movimentos políticos significativos bem como atuou junto aos camponeses e trabalhadores. Ao longo dos anos, Silone passa a ver uma outra face do Partido Comunista, caracterizado pelo autoritarismo. Em meio a dúvidas e frustrações, a sua atuação política se deu por meio da literatura. O objetivo deste artigo é articular experiências da vida de Silone ao tom crítico e de denúncia de suas obras, que delatam, dentre outras coisas, o abuso de autoridade e a falta de liberdade de expressão.

PALAVRAS-CHAVE: Atuação política. Autoritarismo. Ignazio Silone.

Ma i libri, si dice, sono come gli alberi: essi non nascono dal nulla. D'accordo, essi tuttavia, è lecito replicare, non sbocciano obbligatoriamente da altri libri. [...] Sono assolutamente convinto che, se avessi avuto una esistenza diversa, pur frequentando le stesse scuole e gli stessi libri, non avrei scritto affatto, oppure, di certo, non quello che ho scritto in quel modo.

(Ignazio Silone)

Secondino Tranquilli e Ignazio Silone são dois nomes diferentes, mas referem-se a uma mesma pessoa. Nomes, ações e uma produção literária e intelectual que se apresentam ao longo do século XX, marcadas pelas várias discussões e polêmicas que vieram à tona em diferentes momentos. Uma personalidade múltipla que, após quase vinte anos de sua morte, em 22 de agosto de 1978, consegue ainda suscitar inquietações e debates entre estudiosos italianos e estrangeiros especializados na sua obra. A vida desse militante político e escritor, nascido em 1900, reflete, pelo seu complexo percurso intelectual, político e literário, os debates e as contradições intrínsecos à história do século XX, sobretudo quando se pensa nas crises sociais e políticas que o abalaram.

Tranquilli é natural da pequena cidade de Pescina, no Abruzzo, localizada na zona denominada Mársica, próxima à área do antigo lago Fucino, drenado definitivamente no final do século XIX, do qual foram obtidos mais ou menos dezesseis mil hectares de terra muito fértil. Esta zona é caracterizada por ser habitada, na sua maioria, por camponeses, definidos pelo escritor, desde o primeiro romance, como *cafoni*,³ que têm no trabalho com a terra o

¹ Todas as traduções do italiano para o português foram feitas pelo autor do artigo.

² Professora de Literatura Italiana e Literatura Comparada do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e dos Programas dos Programas de Pós-Graduação em Estudos da Tradução e em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse trabalho está ligado ao projeto de pesquisa “O papel do escritor-intelectual no século XX”.

³ “Sei bem que o termo *cafone*, na linguagem corrente do meu país, seja no campo ou na cidade, é ainda um termo ofensivo e depreciativo, eu o uso neste livro na certeza de que quando no meu país a dor deixar de ser uma

único sustento. Hoje em dia, ela é considerada uma das mais férteis da península e é intensamente explorada pelas culturas de beterraba, batatas, cereais e outras verduras e legumes.

Secondino Tranquilli é o nome ligado à infância e à adolescência do escritor italiano, que, na década de 1920, escolhe adotar o pseudônimo de Ignazio Silone. Uma infância caracterizada pelo ritmo da zona rural, pelo trabalho, pela miséria no centro-sul da Itália, pelas altas montanhas, que deixam ainda mais essa zona isolada, perto e ao mesmo tempo longe de Roma. O isolamento presente na geografia da cidade natal, de alguma forma, também está presente em outros aspectos de sua vida como, mais tarde, a perda da família, o internato, o exílio e o silêncio da crítica italiana. Um estar dentro que é também um estar à margem: este é, de fato, um dos traços mais marcantes do percurso intelectual de Tranquilli-Silone.

Além do isolamento, na sua trajetória, é possível falar de perdas e, principalmente, de ausências. O terremoto que devastou uma parte da península em 1915 pode ser um exemplo, a cidade de Pescina e arredores ficaram completamente destruídos, e Secondino perde, aos quinze anos, praticamente toda a família, menos o irmão mais jovem, Romolo. O jornal *Corriere della Sera* traz a seguinte notícia, em 16 de janeiro de 1915, como apontam Ottorino Gurgo e Francesco de Core na biografia do autor, *Silone: l'avventura di un uomo semplice*:

As suas ruínas não aparecem aos socorros senão quando se está dentro da cidade, só então percebe-se a vasta extensão de detritos e escombros, precipitados por causa da íngreme inclinação para abater-se como uma forte corrente de água sobre as ruínas das casas derrubadas. Uma só casa ficou ileso, mas por ironia da sorte, esta não era, naquele momento, habitada por ninguém. De 5000 habitantes só 1500 salvaram-se. As estradas de acesso à cidade estão bloqueadas por vastas fendas abertas no terreno⁴ (GURGO; CORE, 1998, p. 24).

A partir dessa dura experiência relatada também no livro de memórias *Uscita di Sicurezza* (1965), Secondino Tranquilli inicia a peregrinação por colégios e cidades, pelo exílio (França, Espanha e Suíça), que só terminará com o armistício em 1943, quando retorna à Itália como um escritor consagrado, principalmente no exterior⁵.

vergonha, ele se tornará um nome de respeito e, talvez, até honroso.” (SILONE, 2003, p. 22) É assim que Ignazio Silone define os grandes protagonistas de seus romances.

⁴ “Le sue rovine non appaiono al soccorritore se non quando si è dentro al paese; solo allora ci si avvede della vasta distesa di detriti e calcinacci, precipitati giù per il pendio scosceso per abbattersi come una fiumara sulle rovine di altre case poste a fondo valle. Una sola casa è rimasta illesa, ma per ironia della sorte, questa non era, a quel momento, abitata da nessuno. Su 5000 abitanti solo 1500 si sono salvati. Le strade di accesso al paese risultano interrotte da vaste fenditure apertesì sul terreno.”

⁵ É importante lembrar que é por causa da experiência do terremoto que Ignazio Silone conhece Don Orione, que será uma presença importante tanto para ele quanto para o irmão mais novo Romolo.

É no período do exílio, também marcado pelo cárcere, que Secondino Tranquilli começa a usar o pseudônimo Ignazio Silone – é preciso dizer que ele não gostava do nome Secondino. Já nas viagens à Rússia, ele passa a usar só o sobrenome Tranquilli, deixando de lado o primeiro nome. Contudo, a escolha do nome Silone verifica-se em 1923, na prisão de Barcelona, onde escreve e assina com esse nome vários artigos publicados no periódico *La Battaglia*, dirigido pelo revolucionário catalão Julio Maurin. É o próprio escritor a testemunhar o motivo da escolha do nome, no conto *Il pane di casa*. E as motivações são duas: a primeira está relacionada ao líder da resistência dos *Marsi*, Poppedio Silo⁶, considerado um símbolo de autonomia. Já o nome Ignazio dá-se em homenagem a Inácio de Loyola. Está formado, então, o nome pelo qual Secondino irá ser conhecido em todo o mundo e estará na capa de seus livros. Em 24 de janeiro de 1947, o tribunal da cidade de L’Aquila, capital do estado do Abruzzo, com um decreto, mudou na certidão de nascimento o nome de Secondino Tranquilli para Ignazio Silone.

No início da década de 30, Ignazio Silone vê-se obrigado a deixar seu país por questões políticas, tornando-se um jovem militante contra o regime fascista e, portanto, procurado pela polícia política. A inquietação com algumas questões relacionadas à realidade local faz com que ele desde cedo se aproxime das pequenas organizações políticas existentes na zona do Fucino. Assim, aos 17 anos já colabora com a Liga dos *Contadini* e, logo depois, passa a integrar o movimento da *Gioventù Socialista*, onde estabelece os primeiros contatos com Antonio Gramsci e Amadeo Bordiga.

Para mim, como para muitos outros, fora uma conversão, um empenho integral, que implicava um modo de pensar e um modo de viver. Eram ainda os tempos nos quais declarar-se socialista ou comunista equivalia a atirar-se ao perigo, romper com os próprios parentes e amigos, não encontrar emprego. As conseqüências materiais foram então ásperas e deletérias e as dificuldades de adaptação espiritual não menos dolorosas⁷ (SILONE, 2001, p. 75-76).

Apesar das conseqüências que poderiam advir dessas escolhas não bem vistas pelo Estado, Silone não desiste e inicia, desde muito jovem, a atividade de colaborador, como jornalista, para algumas publicações de esquerda: *Lavoratore*, *L’Avanti*, *Avanguardia*. Será Gramsci, por meio da leitura de artigos veiculados nesses periódicos, um dos primeiros a

⁶ Quinto Poppedio Silone (89 a.c.) foi um dos comandantes líderes dos itálicos rebeldes, na guerra social contra Roma.

⁷ “Per me, come per molti altri, fu una conversione, un impegno integrale, che implicava un certo modo di pensare e un certo modo di vivere. Erano ancora i tempi in cui il dichiararsi socialista o comunista equivaleva a gettarsi allo sbaraglio, rompere con i propri parenti ed amici, non trovare impiego. Le conseguenze materiali furono dunque aspre e deleterie e le difficoltà dell’adattamento spirituale non meno dolorose.”

reconhecer algo de diferente na escritura siloniana – ainda imatura, mas já se destacava. Nestes anos, Silone tem ainda a oportunidade de viajar e entrar em contato com a realidade comunista soviética. No encontro do XVII congresso do Partido Socialista, realizado em Livorno, em 1921, será ele, aos 21 anos, a fazer o anúncio da ruptura de unidade do partido e a fundação de um novo: o *Partito Comunista d'Italia*⁸.

A construção intelectual do menino de Pescina começa a ser formada e definida desde muito cedo, influenciada pela experiência junto aos camponeses e trabalhadores. Uma formação que com o passar dos anos começa a se reforçar e a reafirmar a constituição de um caráter forte e austero, e um indivíduo que com a perda da estrutura familiar se aproxima e vê no Partido a família perdida e, ainda, a capacidade de transformação e mudança social.

Todavia, aos poucos, a partir de um maior contato, depois de passar por várias experiências, de participar da reunião da Internacional, das viagens para a União Soviética, Silone começa a se dar conta das contradições internas do Partido na Itália e da estrutura dominante que circunscreve aquele soviético: um sistema burocrático e controlador, que se demonstra incapaz de (re)discutir as próprias questões: “O que me impressionou nos comunistas russos, também em personalidades excepcionais como Lênin e Trotzky, era a absoluta incapacidade de discutir lealmente as opiniões contrárias as deles.”⁹ (SILONE, 2001, p. 78-79).

São esses alguns dos fatores que contribuem de modo decisivo para que Silone comece a perceber a distância existente entre ele e o partido, e inicia um duro e difícil processo de afastamento do partido, que até então tinha significado casa, família e igreja – uma vivência e um marco indelével. Uma reflexão detalhada e atenta sobre a experiência de aproximação, entrada, afastamento e, por fim, expulsão do Partido é feita pelo próprio autor no texto *Uscita di Sicurezza*, apresentado primeiramente na publicação *Comunità* n. III e só depois editado pela Vallecchi, junto com outros ensaios, no livro homônimo, em 1965.

A divisão e a crise com o *Partito Comunista d'Italia*, no final da década de 20 e no início da de 30, é inevitável. Além de estar decepcionado não só com o partido, mas também com seus companheiros, como Palmiro Togliatti, Silone passa a questionar-se profundamente sobre o partido e o sistema soviético. Um fato presenciado e depois relatado pelo autor, como uma experiência do que se tinha transformado o Partido Comunista Soviético, ocorre durante o VIII Plenum da Internacional, do qual participa como integrante da comissão italiana junto a

⁸ Manterá este nome até 1943, quando passará a chamar-se Partido Comunista Italiano.

⁹ “Ciò che mi colpì nei comunisti russi, anche in personalità eccezionali come Lênin e Trotzky, era l'assoluta incapacità di discutere lealmente le opinioni contrarie alle proprie.”

Togliatti. Nesse encontro entre os líderes comunistas, Silone percebe que há uma luta interna dentro do partido russo entre Stalin e Trotsky. O primeiro, antes da sessão plenária, marca um *sênior convent*, reservado somente aos chefes das mais importantes delegações, tal reunião tinha como objetivo maior aprovar um documento que comprometesse Trotsky; Silone a pedido de Togliatti o acompanha. Essa experiência como membro da comissão italiana deixa marcas profundas em Silone, que em *Uscita di Sicurezza* ao lembrar esse episódio, reconstrói um diálogo significativo, que aponta para as suas dúvidas e questionamentos:

Expliquei-me claramente?, ele perguntou voltando-se para mim.
Certo, respondi, muito claramente
Te persuadi ?, ele me perguntou.
Não, lhe respondi.
Porque não ?, ele quis saber.
Deveria explicar, lhe disse, porque sou contra o fascismo¹⁰
(SILONE, 2001, p. 89).

Silone começa a ter a percepção de que os ideais que tinham formado e levado adiante o partido comunista passam a ser substituídos por um sistema autoritário e controlador. A crença num partido e todos os anos de luta pela liberdade de pensamento, de expressão e de crítica passam a ser interrogados diante da constrangedora situação em Moscou. Aflora em Silone uma crise interna caracterizada pela dúvida e pela frustração; este momento tormentoso é relatado, anos mais tarde, por meio de alguns questionamentos: “Era aquela a verdadeira face do comunismo? Os trabalhadores que arriscavam as suas vidas, aqueles que agonizavam nas prisões, estavam a serviço de um ideal parecido? A nossa vida vadia solitária e perigosa de estrangeiros em pátria era por isto”¹¹ (Id. Ibid. p. 95).

E é durante o longo período de exílio na Suíça, depois da passagem por Davos, onde se interna numa clínica para a recuperação da saúde, que se dá a ruptura definitiva com o partido. Em um doloroso desabafo, que antecede o desligamento oficial, Silone deixa clara a inquietação em relação a seus companheiros, dos quais se sente cada vez mais distante: “Homens até há pouco amigos solidários no comum perigo, chamavam-se, reciprocamente, traidores traiçoeiros mentirosos oportunistas hipócritas e ainda ladrões

¹⁰ Mi sono spiegato chiaramente ?, egli chiese rivolgendosi a me.

Certo, risposi, assai chiaramente

Ti ho persuaso ?, egli mi chiese.

No, gli risposi.

Perchè no ?, egli volle sapere.

Dovrei spiegarti, gli dissi, perchè sono contro il fascismo.

¹¹ “Era quella la vera faccia del comunismo? I lavoratori che rischiavano la loro vita, quelli che agonizzavano nelle carceri, erano al servizio di un simile ideale? La nostra vita randagia solitaria pericolosa di stranieri in patria, era per questo.” (Silone, 2001, p. 95).

espiões vendidos”¹² (Id. Ibid. p. 108). A carta datada de 20 de maio de 1931, endereçada ao Escritório político do Partido Comunista suíço, além de conter este desabafo, é acima de tudo uma reflexão íntima do autor sobre os companheiros e o próprio partido. A ruptura, após tais acontecimentos, parece ser inevitável e o afastamento total é concretizado, em 4 de julho de 1931, com um comunicado oficial do Partido Comunista Suíço que anuncia a expulsão do escritor italiano. Para Silone, o comunicado e toda aquela situação eram prova de como o partido tinha mudado radicalmente, e em *Uscita di Sicurezza* este episódio é lembrado da seguinte forma:

Teria podido precisar que o meu desacordo com as novas diretrizes de Moscou era compartilhado por aqueles mesmos encarregados de me interrogar. Poderia ter contado como tinha sido a cena da pressuposta declaração por mim “outorgada” a Togliatti. Teria podido persuadi-los da minha absoluta indiferença pelos postos e hierarquias. Teria podido; mas não quisera. Por um instante tivera a clara percepção da inanidade de toda velhacaria, tática, espera, compromisso. Depois de um mês, depois de dois anos, teria me encontrado no mesmo ponto. Era melhor acabar uma vez para sempre. Não devia deixar escapar aquela nova, providencial ocasião, aquela ‘saída de segurança’. Não tinha mais sentido ficar ali brigando. Tinha acabado. Graças a Deus¹³ (SILONE, 2001, p. 110).

Com tantas ausências e perdas, o Partido tinha conseguido preencher os inúmeros espaços vazios da vida do escritor italiano: “O partido transformara-se em família escola igreja e caserna, fora dele o mundo restante era todo a ser destruído”¹⁴ (Id. Ibid. p. 77). Assim, se por um lado a saída do partido pode ser interpretada como um processo de luto, caracterizado pela intensa dor da perda, por outro pode significar o fim de uma situação sufocante. A grande esperança e crença no Partido tinham chegado ao fim. No entanto, mesmo distante do partido, Silone continua produzindo textos para jornais e periódicos, além de toda freqüente correspondência epistolar trocada – hoje arquivada nos centros de pesquisa¹⁵.

A experiência política é importante não só para compreender o indivíduo Silone, mas também o seu papel de escritor. Com efeito, a sua prática política e os ideais perseguidos

¹² “Uomini fino a poco tempo fa amici solidali nel comune pericolo, si chiamavano, reciprocamente, traditori vigliacchi bugiardi opportunisti ipocriti e anche ladri spie venduti.” (SILONE, 2001, p. 108)

¹³ Avrei potuto precisare che il mio disaccordo con le nuove direttive di Mosca era condiviso da quelli stessi ch'erano incaricati di interrogarmi. Avrei potuto raccontare come si era svolta la scena della pretesa dichiarazione da me ‘rilasciata’ a Togliatti. Avrei potuto persuaderli della mia assoluta indifferenza per i posti e le gerarchie. Avrei potuto; ma non volli. In un attimo ebbi la chiarissima percezione dell’inermità di ogni furberia, tattica, attesa, compromesso. Dopo un mese, dopo due anni, mi sarei trovato da capo. Era meglio finirla una volta per sempre. Non dovevo lasciarmi sfuggire quella nuova, provvidenziale occasione, quell’ ‘uscita di sicurezza’. Non aveva più senso star lì a litigare. Era finito. Grazie a Dio.

¹⁴ “Il partito diventò famiglia scuola chiesa e caserma, all’infuori di esso il mondo restante era tutto da distruggere.”

¹⁵ Como por exemplo: Fondazione Turati, a Firenze, e Centro di Studi Ignazio Silone, a Pescina.

estão intimamente relacionados ao seu posicionamento enquanto escritor e à produção literária que se inicia logo após a ruptura política. A experiência de Tranquilli/Silone-militante político e Silone-escritor não pode ser esquecida ou afastada dos seus textos, essa vivência está na tessitura dos livros e imbricada na narrativa. De fato, a sua aproximação com a literatura, na qualidade de escritor, se dá efetivamente a partir do afastamento de todo o aparato que envolve o partido, fruto também de uma crise existencial, acompanhada por sérios problemas de saúde. É, portanto, internado num sanatório em Davos, isolado de tudo e todos, que Silone vê na escrita de textos narrativos a possibilidade de poder continuar a ter uma voz, que não é mais a do menino de Pescina, a daquele que se envolveu na Liga dos *Contadini* e nem a do político militante.

Apesar da condição de exilado, a atenção de Silone, desde o início da sua produção artística, se volta para temas e realidades bem específicos italianos – que levam às lembranças e reencontro com a infância de Secondino Tranquilli – e apresentam um forte tom de crítica e de denúncia. O afastamento é talvez, então, o elemento que ajudará a manter e ainda proteger a liberdade e autonomia de ação e intervenção diante de determinadas situações. Inserção e marginalidade são dois pólos opostos que se complementam; juntas formam uma infinita e imbricada malha, cheia de nós que dá forma a uma complexa tessitura que é o lugar de onde fala e por onde transita o intelectual. Um viver à margem que pode levar ao caminho de um isolamento forçado.

O exílio é um dos destinos mais tristes. Nos tempos pré-modernos, a deportação era um castigo particularmente terrível, uma vez que implicava não só anos de uma vida errante e incerta longe da família e dos lugares conhecidos, como também ficar numa espécie de estado de permanente proscrição, ser alguém que nunca se sentia em casa, sempre em conflito com o que o rodeava, inconsolável em relação ao passado, amargo face ao presente e ao futuro (SAID, 2000, p. 51).

O exílio, normalmente entendido como um afastamento imposto de um determinado local, da pátria ou da terra natal, a ruptura de um elo numa grande cadeia, representando uma espécie de quebra ou fratura, é o que irá caracterizar este movimento. Tantos foram os escritores e artistas, homens de cultura, como Silone, que passaram e sofreram com este processo, o qual deixou impressões e sinais indelévels como Giuseppe Ungaretti, Constantine Kavafys, José Cardoso Pires, dentre tantos outros. Neste tipo de exílio, o maior problema não é a distância da pátria, mas sim as sensações que afloram a partir do não sentir-se inteiramente integrado e/ou fazendo parte da nova terra onde se encontra. Na condição do marginalizado, a escrita é também o meio encontrado por Silone para lembrar, manter e até aumentar os

vínculos com a terra natal; é esta a maior motivação declarada pelo escritor quando dá vida à aldeia imaginária de Fontamara, no seu livro de estréia em 1933.

O exílio de Silone foi longo, mas ele sempre conseguiu, ainda que de forma clandestina e por estadias limitadas a poucos dias, retornar à Itália. Entretanto, as obras publicadas durante a fase Suíça, a partir de *Fontamara* (1933), *Pane e Vino* (1937), *La scuola dei dittatori* (1938) e *Il seme sotto la neve* (1940), nunca deixaram de retratar o microcosmo dos *cafoni* abruzzeses, testemunhado na infância e paradigmático de uma realidade social que vai além das fronteiras nacionais. *Fontamara* (1933), publicado primeiramente em língua alemã, só chega ao mercado italiano em 1947, por meio da pequena editora Faro, recebendo após dois anos, em 1949, uma revisão do próprio autor, quando passa a ser editado pela Mondadori. *Fontamara*, editado originalmente pela Oprecht, com os custos pagos a partir da encomenda antecipada de oitocentos exemplares, leva a voz solitária de Ignazio Silone para vários países. Desde a primeira edição, o livro passa a ser considerado um *best-seller*, obtendo leitores dentro e fora da Europa: em pouco tempo, somam-se mais de 29 traduções com mais de um milhão e meio de cópias vendidas.

Na década de 30, a Itália é um país que vive sob a tensão e o controle impostos pelo regime fascista, e a entrada em território italiano de uma obra que aborda os temas trabalhados em *Fontamara* é praticamente impossível. *Fontamara* não é um livro panfletário ou um texto de propaganda política; é, sim, um texto que, mesmo tratando de problemáticas sociais e políticas, fruto de uma vivência específica, transcende as contingências da esfera pessoal. Tranquilli/Silone, depois de ter passado pela experiência do *cafone* na infância, do ativista político e de ter sido expulso do partido, faz uma análise crítica e paradigmática da situação italiana naquele período. Pode-se dizer que os personagens silonianos relêem os arquivos da memória autobiográfica do autor, partindo de uma visão do mundo limitada ao seu microcosmo: aquele do indivíduo que vive numa aldeia protegida e também isolada significativamente por barreiras naturais, quase sem contato com o que existe para além destes obstáculos ou defesas. Deste modo, seus escritos são textos que, por um lado, abordam criticamente a condição miseravelmente humana do *cafone* e, por outro, tratam de forma crítica o regime totalitário vigente na Itália desde os anos 20: o abuso de autoridade e a falta de liberdade de expressão são, por exemplo, dois temas trazidos constantemente à baila por personagens protagonistas e secundários.

Se Silone já na década de 1940 é uma autoridade e um escritor reconhecido pela crítica internacional, a sua recepção na Itália foi e é um tema contraditório, como mostra a

estudiosa Luce D'Eramo no livro *L'opera di Ignazio Silone* (1971). Segundo o autor, tal crítica pode ser dividida em três fases: a primeira, caracterizada pelo silêncio, vai até 1950; a segunda, denominada “caso Silone”, é marcada por inúmeros questionamentos e vai até 1965; a terceira, finalmente, que tem como marco o lançamento do livro *Uscita di Sicurezza* em 1965, é quando os críticos começam a repensar a obra de Silone. Focalizando, por enquanto, o discurso sobre esta primeira fase definida por D'Eramo, poder-se-ia pensar que a distância da crítica dá-se por conta do afastamento físico do escritor, devido aos quinze anos de exílio transcorridos na Suíça, mas esta hipótese seria, sobretudo, ingênua. Na realidade, existem manuais recentes de literatura e crítica italiana que não mencionam a produção literária de Silone. Um exemplo é o caso do livro do conceituado crítico Alberto Asor Rosa, *Novecento primo, secondo e terzo*, cuja primeira edição data de 1999, no qual o crítico, buscando identificar as mudanças que exerceram certa influência na produção literária do século XX, omite de forma pelo menos suspeita o nome do autor de Pescina. Este é só um exemplo do comportamento negligente e omissivo da crítica italiana em relação ao perfil de escritor de Ignazio Silone; todavia, apesar de tudo, após a publicação em 1965 do livro *Uscita di Sicurezza*, esta mesma crítica, em boa parte, vem de algum modo relendo e revendo a sua obra.

A esses três momentos identificados por D'Eramo poderia ser acrescentado um quarto que vem à luz junto às comemorações do centenário de nascimento do autor, em 2000. A publicação do livro *L'informatore: Silone, i comunisti e la polizia* de Dario Biocca e Mauro Canali é o marco de uma discussão iniciada em 1996 que aponta Silone como um informante da polícia política fascista (OVRA). Os documentos levantados por Biocca e Canali são assinados por Silvestri, identificado como mais um pseudônimo do autor de *Fontamara*. Desde esse primeiro livro de acusação, tantos outros já foram publicados e vários intelectuais também já se pronunciaram em defesa de Silone, como Norberto Bobbio, Indro Montanelli e Giuseppe Tamburrano. A tese defendida por Biocca e Canali não se sustenta, apesar de os autores demonstrarem todo um processo de pesquisa e de busca de documentação em arquivos do estado italiano. Essa polêmica indevida, todavia, trouxe à tona novamente o nome e a obra de Silone e comprova que os dados de uma história recente, como é o período fascista, devem ser tratados com cautela.

Vários escritores no início do século trataram da fragmentação do indivíduo e concretizaram essa clivagem na criação de máscaras, como no caso de Luigi Pirandello, de heterônimos, no caso de Fernando Pessoa e de pseudônimos, como no caso de Italo Svevo

(Ettore Schimidt), entre outros. Num determinado momento da história, por questões alheias a uma vontade pessoal e impulsionadas por motivações políticas e sociais, muitos indivíduos se viram obrigados a trocar de nome para poder se preservarem. Desse modo, entre as duas guerras mundiais, numa Europa assolada por regimes ditatoriais de esquerda e de direita, muitos artistas e intelectuais tiveram de exilar-se e mudar algumas vezes de nome, a experiência de Secondino Tranquilli - Ignazio Silone é apenas uma num universo que ainda deve ser explorado.

ABSTRACT: Secondino Tranquillo or Ignazio Silone's life was marked by multiple tragic episodes: the loss of his family, exile, prison. Since his adolescence, he participated of some political movements as well as acted with workers and peasants. After many years, Silone started to see the other face of the Communist Party, characterized by the authoritarianism. Full of doubts and frustrated, he opted to operate his political action through literature. This paper aims at articulating some of Silone's life experiences to the critical aspect of his texts, which denounce, among others, the abuse of authority and the lack of freedom of expression.
KEYWORDS: Ignazio Silone. Authoritarianism. Political action.

REFERÊNCIAS

- DANIELE, Chiara (Org.). *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca – Il carteggio del 1926*. Gli Struzzi. Torino: Einaudi, 1999.
- DELPORTE, C. *Intelletuali e politica*. Firenze: Giunti, 1996.
- D'ERAMO, Luce. *Ignazio Silone*. Rimini: Editori Riminesi Associati, 1994.
- D'ERAMO, Luce. *Ignazio Silone, studio biografico critico*. Milano: Mondadori, 1972.
- DI MARIO, L.; SUSI, D. *Silone nel mondo*. Frosinone: Fondazione Ignazio Silone, G. Ruscito Editore, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. Gli intellettuali e l'organizzazione della cultura. In *Quaderni*. Roma: Editori Riuniti, 2000.
- GURGO, Ottorino; DE CORE, Francesco. *Silone – l'avventura di un uomo libero*. Venezia: Marsilio, 1998.
- ROSA, Alberto Asor. *Novecento primo, secondo e terzo*. Milano: Sansoni, 2004.
- SAID, Edward. *Representações do intelectual: as palestras de Reith de 1993*. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- SAID, Edward. O papel público de escritores e intelectuais. In: Dênis Moraes (Org.). *Combates e utopias – os intelectuais num mundo em crise*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SILONE, Ignazio. *Uscita di Sicurezza, Oscar*. Milano: Mondadori, 2001.
- SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Trad. Doris Cavallari. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2003.
- SILONE, Ignazio. *Romanzi e saggi*. I Meridiani. Milano: Mondadori, 1998. vol. 1.
- SILONE, Ignazio. *Romanzi e saggi*. I Meridiani. Milano: Mondadori, 1998. vol. 2.

TELLINI, Gino. *Il romanzo italiano dell'Ottocento e Novecento*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.